A reinvenção da direita ocidental

Rubi Rodrigues[1]

Resumo

O título de "virada política para a direita" foi conferido ao movimento iniciado na Hungria, em 2010, e difundido por todo o Ocidente – sob a lógica socialista hegemônica da atualidade –, sendo aceito por aqueles que defendiam a mudança, em razão de ignorância metafísica. Como fruto desse fato, instalou-se, em todo o Ocidente, uma polarização política esquerda x direita, da qual a esquerda tenta se valer para sobreviver ao ocaso da Pós-Modernidade. Neste trabalho, tenta-se demonstrar como esse movimento pode rejeitar tal confronto, resgatar os valores ocidentais e projetar o futuro civilizado que todos almejamos.

Palavras-chave: política; polarização política; identidade política; valores ocidentais; ocaso da Pós-Modernidade.

Abstract

The label of a political shift to the right was applied to the movement that began in Hungary in 2010 and subsequently spread throughout the West. This designation, shaped by the hegemonic socialist logic of our time, was accepted by advocates of change due to metaphysics ignorance. As a result, a political polarization between left and right has taken hold across the Western world, a divide through which the left seeks to survive the twilight of Postmodernity. This paper seeks to demonstrate how this movement can move beyond such confrontation, reclaim Western values, and address the civilized future we all aspire to.

Keywords: politics; political polarization; political identity; Western values; sunset of Post-Modernity

[1] Pesquisador em Metafísica e em Teoria do Conhecimento; CEO da Academia Platônica de Brasília.

A reinvenção da direita ocidental

Apresentação

As derrotas de Bolsonaro e de Trump, em 2026, abrem oportunidade para o homem ocidental repensar, não o próprio posicionamento político em defesa dos valores ocidentais, mas a sua identidade política que constitui, em perspectiva metafísica, uma das razões profundas das duas derrotas, como esperamos aqui demonstrar. O movimento que emergiu no Ocidente em 2010, na Hungria, com a vitória de Viktor Orbán, e espalhou-se por todo o Ocidente nos anos seguintes, na condição de refugo das políticas socialistas pós-modernas, tem fundamento consistente no resgate dos valores que possibilitaram o sucesso civilizatório do Ocidente e que estavam sendo atacados ideologicamente por dentro, no âmbito cultural. Nesse sentido, o novo movimento não deveria sofrer derrotas, já que se sustenta em um espírito ocidental consolidado. As derrotas, porém, sobrevieram e, se formos capazes de aceitar que estamos cometendo algum erro, podemos repensar as coisas. Este trabalho apresenta-se como um convite para essa reflexão.

Premissas

Interpretar o mundo, as coisas e os acontecimentos requer, necessariamente, um método ou um referencial que nos forneça uma leitura realista e correspondente aos objetos que analisamos. Esse referencial não pode ser meramente ideológico, ao contrário, precisa ser pautado nas leis que regem o universo e a natureza, cujo sucesso existencial não temos condições de refutar, tanto assim que a nossa ciência esforça-se para descobrir e compreender essas leis, sem cultivar intenção de mudá-las. Sendo, nós mesmos, frutos dessas leis, encontra-se fora das nossas possibilidades alterar as funcionalidades ou o alcance delas: trata-se de um dado permanente do problema, e não de uma variável sujeita a nosso escrutínio. As ideologias, ao contrário, constituem concepções humanas com prazo de validade, potencializadas pelas circunstâncias que emolduraram eventos e atitudes tomadas no curso da história. Esse tipo de referencial incide em defeito incontornável: baseia-se na experiência histórica pregressa, isto é, constitui um olhar que enxerga pelo retrovisor e que, em razão do curso real dos fatos, ou seja, dos acidentes efetivos que demarcam a história, enseja interpretações e preconiza soluções. Ainda que essas soluções possam ser logicamente amparadas pelas circunstâncias, precisamos considerar que essas circunstâncias variam com o tempo, de sorte que soluções assim forjadas resultam, no mínimo, duvidosas e, no máximo, absolutamente inapropriadas.

As leis que presidem o surgimento e os modos de ser do universo são permanentes, o que permite justificar a maravilhosa ordem presente na natureza; sendo assim, não sofrem esse desgaste e podem fornecer-nos um referencial interpretativo mais seguro e confiável. A Academia Platônica de Brasília, estudando legados antigos, principalmente os de Pitágoras, de Parmênides e de Platão, formalizou um referencial metafísico que nos concede explicação racional sobre a criação e o funcionamento do universo. Esse referencial permite-nos tanto retroceder para antes da Grécia Clássica e entender os mistérios egípcios simbolicamente registrados nos sítios arqueológicos, como avançar até o presente dos aceleradores de partículas atômicas e oferecer solução racional para as perplexidades suscitadas pela física quântica. Não cabe neste trabalho especificar esse referencial metafisico, vamos, simplesmente, usá-lo e especificar as leituras que ele

patrocina e que, aqui, interessam-nos. Acreditamos que a verossimilhança das leituras seja suficiente para gerar um convencimento inicial. De qualquer modo, deixamos indicados os principais textos que fundamentam, lógica e ontologicamente, o referencial, de maneira que os interessados possam aprofundar-se na questão[2].

Contextualização

Costuma-se olhar para a história, elencando-se a sucessão de fatos, de acidentes e de conflitos que marcaram a experiência humana no curso do tempo. Essa história factual e concreta da humanidade tem sido dividida pela historiografia em quatro grandes eras ou períodos: o Período Imperial, a Idade Média, a Modernidade e a Era Contemporânea, intitulada Pós-Moderna. Essa divisão assenta-se no fato de que cada um desses períodos contemplou modos de ser e de viver perfeitamente diferenciados. O nosso referencial abrange, não os fatos em si, mas as essencialidades que os determinam. Considerando que o homem age segundo o seu discernimento, levantou-se a hipótese de que essas quatro eras apresentaram modos de ser e de viver distintos, porque resultavam de quatro modos também distintos de pensar, que seriam correspondentes e teriam predominado em cada período. Dado, adicionalmente, que se entende, até hoje, a lógica como lei normativa do pensamento, concluiu-se evidente a presença de quatro lógicas distintas regendo o pensamento humano no curso da história. Essa descoberta tornou possível formular uma história do discernimento humano na qual os acontecimentos relatados pela história factual constituem acidentes que poderiam até ter ocorrido de modo distinto do relatado, sem alterar substancialmente a evolução do discernimento e o curso da civilização.

Percebe-se que isso tornava a história do discernimento muito mais segura para se entender as coisas, em relação à história factual, particularmente porque já havia o registro e a identificação das quatro lógicas que possibilitavam esses quatro modos de pensar[3]. Ao estudar e compreender o modo de operar dessas lógicas, constatou-se que elas eram cumulativas e descortinavam visões crescentemente mais amplas, capazes de, em razão disso, contemplar parcelas cada vez mais completas da realidade. Com isso, a história conhecida assumiu, para nós, a forma de história da conquista da razão e do discernimento pelos humanos, mudando completamente a nossa interpretação do processo civilizatório.

Constatamos que a humanidade, a partir do despertar da consciência, iniciou um processo de conquista da razão, operando, primeiramente, a lógica mais simples – a lógica transcendental –, que visualiza uma pequena parcela da realidade. Quando a operação desse modo primitivo de pensar universalizou-se, restou caracterizada a primeira era civilizatória conhecida, designada de Período Imperial. A essa conquista inicial sucederam-se outras, marcadas por diferentes lógicas: a lógica da diferença, potencializando a Idade Média; a clássica ou sistêmica, a era Moderna; e a dialética ou da história, a era Pós-Moderna, na qual nos encontramos presentemente. Em cada um desses períodos, o modo

[2] Os principais textos que especificam o referencial metafísico utilizado neste trabalho são os seguintes: Teoria da existência; Geometria sagrada; Teoria metafísica do conhecimento; Cosmovisão metafísica; Metafísica com *status* científico; A ordem; Espaço-tempo: uma mutilação da realidade. Todos estão disponíveis na biblioteca da Academia Platônica de Brasília – https://academiadeplatao.com.br/.

[3] Ver a obra de Luiz Sérgio Coelho de Sampaio (1933/2003).

de pensar expandiu-se, possibilitando percepções cada vez mais completas e correspondentes à verdadeira compleição do mundo, das coisas e da natureza.

Com esse modo de ver a história, os acertos e os erros cometidos pela humanidade no curso do processo civilizatório podem ser atribuídos, respectivamente, ao discernimento e à ignorância presentes em cada ocasião. Isso nos dispensa de fazer julgamentos morais sobre os homens acidentalmente envolvidos e nos permite concentrar a atenção no que, efetivamente, determina a ação humana e pode fazer diferença: o discernimento e a ignorância das pessoas encarregadas de tomar decisões em sociedade.

A par dessa impessoalidade propiciada pelo método que adotamos, cabe destacar que a história do discernimento revela que, em cada um dos períodos – na medida em que não conheciam modo de pensar superior –, as pessoas imaginavam estar munidas com a mais poderosa e esclarecedora das visões de mundo possíveis e, como não podia deixar de ser, aplicavam a lógica e o modo de pensar que lhes eram próprios ao todo das existências delas. Ou seja, absolutizavam essa perspectiva, até mesmo criticando os modos de pensar precedentes como superados e arcaicos. Ocorre que o referencial metafísico que adotamos e que nos permite vislumbrar a história do discernimento, confirmando o que os Antigos já sabiam, indica que, além das quatro lógicas mencionadas, existe ainda uma quinta mais ampla, uma lógica que contempla a instância de totalidade dos fenômenos, situada, em amplitude e em complexidade, para além da dialética do nosso tempo[4].

Segundo a história do discernimento[5], a quinta lógica da totalidade conclui o processo humano de conquista da razão, e, quando tal operação for universalizada, teremos, por fim, concluído a passagem do hominídeo – que não pensava – para o humano dotado de pleno domínio da razão. Nessa ocasião, a historiografia registrará uma nova e quinta era civilizatória, talvez a primeira era plenamente humana. Então, o percurso do hominídeo até aqui, eventualmente, poderá receber outra designação.

Das inúmeras lições que a história do discernimento potencializa, é importante destacar, aqui, ainda mais uma. O Período Imperial durou, pelo que se sabe, pelo menos dez mil anos, a Idade Média, confirmadamente, mil anos. A Modernidade, em torno de quatrocentos, e a Pós-Modernidade já conta com mais de cem anos. A aceleração do processo é evidente, de modo que o advento da quinta era afigura-se eminente. É neste contexto de mudança de era que nos parece adequado contemplar a crise de identidade que assola, presentemente, a corrente política dita de direita e que, apesar de ter méritos, encontra dificuldades para se impor às ideologias dos tempos dialéticos.

As características essenciais do problema

A era Pós-Moderna, que se consolida no século XX, caracteriza-se pela hegemonia da lógica e do pensamento dialético que vislumbra os conflitos dos homens com as suas circunstâncias no curso do tempo. O advento dessa era e desse modo de pensar era inevitável, determinado pelas leis universais responsáveis pela criação. Não constituiu uma opção ou uma escolha facultativa da humanidade, foi consequência estrutural do

[4] Essa instância de totalidade é estruturalmente exigida pela diversidade fenomênica presente no mundo. Os fenômenos constituem unidades complexas feitas de parte, e a instância de totalidade é que fecha o fenômeno em unidade limitada que nos permite identificar, distinguir e diferenciar um do outro. Nada mais do que a famosa teoria das formas de Platão.

[5] Para detalhes da história do discernimento, ver Platão e a lenda do quinto império, publicado pela Academia Platônica de Brasília, em 2024, editora Thesaurus de Brasília.

processo criativo universal que converte pura possibilidade de existir em existência em ato, marcando presença no mundo. Considerando que a natureza se estrutura em rigorosa ordem matemática, o nosso modelo metafísico revela que o processo de criação de uma natureza com tais características exige uma equação da existência, isto é, requer uma ciência exata. Somente com uma ciência exata torna-se possível produzir a ordem manifesta no universo. Ora, sendo essa lei da criação universal, resta evidente que a própria história humana resulta ordenada segundo os seus ditames. Por consequência, as quatro eras já conhecidas também se estruturam no sentido da complexidade crescente, tanto no modo de viver como no de pensar. A prova disso é que a sucessão das eras não poderia ser diferente da ordem em que ocorreu. Por exemplo, a Pós-Modernidade não poderia anteceder a Modernidade, e todos nós compreendemos isso.

A lógica do período anterior ao nosso, a lógica da Modernidade, contempla as relações de causa e de efeito no plano material e, em razão desse padrão operativo, configura a matéria como energia condensada de certa forma. A persistência da organização (forma), a qual designamos matéria, exige e potencializa o que chamamos de tempo. Portanto, a matéria precede o tempo na organização da realidade. Por isso, Einstein defendeu que o tempo era o quarto número. Por essa mesma razão, a era Moderna, determinada pela lógica sistêmica, antecede a era Pós-Moderna, determinada pela lógica dialética, lógica essa também designada lógica da história. Não pode existir tempo nem história sem presença de matéria. Isso confirma a nossa tese de que o processo de construção da existência é cumulativo, de modo que, na totalidade de cada fenômeno, estão presentes todos os quatro componentes ontológicos anteriores que possibilitaram e edificam essa totalidade. Dessa maneira, os fenômenos presentes no mundo são determinados, em sua singularidade, por uma instância de totalidade que os configura como unidades limitadas. Essa instância de totalidade compreende uma inteligência organizativa que reúne todos os componentes do fenômeno, a fim de constituir uma unidade determinada. Essa inteligência organizativa é privativa da quinta instância, assim como o tempo é privativo da quarta e a matéria, da terceira; as duas primeiras também contemplam conteúdos privativos, os quais, no caso humano, os nossos estudos identificaram como o ser, na primeira, e a alma ou o código genético, na segunda. Essa última observação pretende apenas indicar que trabalhamos com um modelo completo da existência[6].

Como já mencionamos, em todas as quatro eras, as pessoas foram – e ainda são – levadas a pensar que a lógica predominante se aplica ao todo da existência, e o modelo metafísico demonstra que isso não é verdade. Cada lógica aplica-se a uma certa instância da realidade e vislumbra certos aspectos dela, sendo que a contemplação do todo exige uma lógica própria – lógica da totalidade ou holística –, que a humanidade ainda não universalizou. O equívoco de aplicar ao todo uma lógica que apenas vale para uma parte revelou-se problemático no curso da história e responde por distorções e conflitos marcantes, posto que enseja conclusões que nunca foram nem puderam ser aceitas por todos. É isso que, técnica e legitimamente, merece a designação de ideologia. Dessa forma, o referencial metafísico permite-nos definir, precisamente, ideologia como tentativa de impor ao todo valores e conclusões aplicáveis apenas às partes[7].

---

[6] A explicitação completa da nossa Teoria da existência está disponível no *link* https://academiadeplatao.com.br/artigo_detalhe?id=494.

[7] Na verdade, o todo situa-se para além da mera soma das partes, como demonstra a totalidade conhecida da molécula de água: H_2O. Composta por dois átomos de hidrogênio e por um átomo

Ocorre, entretanto, que, embora a humanidade avance coletivamente em discernimento crescente a cada era – universalizando a nova lógica e o modo de pensar conquistados –, algumas pessoas ficam presas em certas concepções próprias de cada tempo. Elas insistem, ideologicamente, na validade universal desses preceitos, apesar de o tempo e as circunstâncias serem outros. Podemos reconhecer ideologia gerada com a lógica transcendental do Período Imperial em concepções religiosas fundamentalistas que justificam a morte de quem não reverencia o seu Deus. Podemos identificar ideologias geradas a partir da lógica da diferença, a qual predominou na Idade Média, nos diversos maniqueísmos de raça, de cor, de gênero e de sexo. Da mesma maneira, podemos identificar ideologias capitalistas de direita geradas pela lógica sistêmica da Modernidade e ideologias socialistas de esquerda geradas pela lógica dialética dos tempos atuais. Todas elas têm a pretensão de impor ao todo conclusões que, na melhor das hipóteses, justificam-se apenas em alguma das partes.

Essa denúncia das ideologias não significa recusa de todas as conclusões obtidas pelo uso de cada uma das quatro lógicas de base. Ao contrário, todas elas participam de modo insubstituível da edificação do todo e estão nele presentes de forma irrecusável. Todas, porém, estão submetidas aos ditames da lógica do todo – a força capaz de unir partes diferentes e, por vezes, incompatíveis na geração de um todo único no qual esses elementos se ajustam e se complementam para gerar um fenômeno superior em organização, em riqueza informacional e em potencialidades evolutivas.

A superação do problema

Voltando, agora, ao nosso caso concreto do fracasso das ideologias da direita em superar as ideologias da esquerda, a situação torna-se esclarecida.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que nem ideologias capitalistas de direita, geradas sob a perspectiva da lógica clássica que predominou na Modernidade, nem ideologias socialistas de esquerda, geradas sob a perspectiva da lógica dialética que predomina nestes tempos pós-modernos, têm autoridade lógica para ditar o que convém ao todo, simplesmente porque essas lógicas não se aplicam ao todo.

Em segundo lugar, fica esclarecido que, do ponto de vista metafísico, a lógica sistêmica e a lógica dialética não são concorrentes, tratam de aspectos distintos e complementares da realidade. A produção de bens e de serviços – esfera econômica – funciona sistemicamente, e a política reguladora do mercado, dialeticamente. É neste ponto que se situa parte do drama ocidental: a promiscuidade entre economia e política explica tanto o fracasso econômico dos regimes socialistas como a presença de corrupção em todos os sistemas políticos.

Em terceiro lugar, constata-se que o conflito político entre esquerda e direita é fruto da esperteza das elites. Uma parte busca manter a promiscuidade entre economia e política, que permite a apropriação de parte dos recursos públicos, enquanto a outra atua para preservar a hegemonia do contemporâneo pensamento dialético, que se sente ameaçado.

---

de oxigênio, a água configura uma realidade física conhecida. O hidrogênio, uma das partes, entra na composição do Sol, e o oxigênio, como se sabe, queima; logo, no plano atômico, são antagônicos. Quando, porém, submetidos a uma determinada inteligência organizativa, ajustam-se de modo complementar e geram uma molécula de água. No mundo molecular da água, por óbvio, a propriedade inflamável do hidrogênio não se aplica e, caso incidisse, destruiria o mundo da água.

Assim como o advento da Idade Média não deve ter agradado os imperadores ancestrais, tampouco os príncipes, os bispos e os cardeais medievais gostaram de ver a Modernidade chegar. Na chegada da Pós-Modernidade, a substituição não foi tão radical como nessas passagens anteriores, porque o capital não perde charme nem importância na gestão socialista do Estado. Em alguns casos, o Estado confiscou o capital, e, noutros, encontrou-se uma forma promíscua de convivência, virtualmente disfarçada de democracia. De qualquer modo, resta claro que o confronto direto entre esquerda e direita convém apenas à esquerda, que, munida de uma lógica mais ampla, não encontra dificuldades para se impor a outra de visão mais estreita. A histórica superação da Modernidade pela Pós-Modernidade não deixa dúvidas disso.

Em quarto lugar, ao ficar demonstrado que a lógica sistêmica da Modernidade enseja uma perspectiva mais estreita do que a da lógica dialética contemporânea, resta indubitável que as críticas que as teses socialistas vêm recebendo desde 2010 não são fruto do modo moderno de pensar ou de ideologias capitalistas modernas. Isso se mostra impossível, dado que o olhar moderno é mais estreito e não consegue vislumbrar os limites do olhar dialético. Essas críticas apenas podem estar sendo formuladas a partir de um olhar ainda mais amplo do que o da dialética – de um olhar que começa a vislumbrar a totalidade dos fenômenos, ainda sem que as pessoas se deem conta, totalmente, de que se trata de um novo olhar, tal como implícito no nosso referencial[8].

Em quinto lugar, fica demonstrado que, sendo a criação da existência um processo cumulativo que atua desdobrando crescente complexidade organizativa, até instalar o fenômeno que está sendo criado como totalidade fechada em unidade no seio do mundo – fica demonstrado, repetimos –, todos os fenômenos presentes no mundo são estruturalmente conservadores. Faz parte de todos os humanos atuais um DNA que esteve presente no hominídeo da Idade da Pedra, ainda que tenha sofrido adaptações. Esse fato evidencia que não se pode, impunemente, desconsiderar os nossos alicerces ontológicos nem desprezar os nossos antecedentes culturais que emolduram a nossa existência, sem estabelecer conflitos com a natureza que nos determina. Para ficar no que aqui importa, precisamos considerar que somos cidadãos ocidentais e deveríamos orgulhar-nos disso, em razão do sucesso civilizatório do Ocidente, apesar de restarem ainda muitos ajustes e trabalhos por realizar.

Conclusão

Peca o movimento emergente no Ocidente desde, no mínimo, 2010, ao aceitar o rótulo de guinada política para a direita ou de movimento de direita capitalista. O espírito dessa crítica merece outra identidade, pois uma das suas principais características é abominar todas as ideologias. O todo não admite ideologias. A lógica que desperta e se espalha no Ocidente preconiza uma nova era, uma era da razão plena, diante da qual todas as ideologias silenciam. Pecam as mentes tocadas por esse movimento emergente ao aceitarem confrontar dialeticamente, ou seja, com suas próprias armas, as teses da esquerda. Precisamos compreender que eles estão defendendo o modo de pensar que os justifica, diante de argumentos ameaçadores, difíceis de refutar. É melhor deixá-los

[8] Quem conhece o Mito da Caverna de Platão há de reconhecer, neste novo despertar da consciência, o movimento de saída da caverna, desta feita não apenas de um ousado aventureiro, mas de toda a população ocidental.

falando sozinhos, até que consigam superar as suas certezas. Sem a necessidade de enfrentar confrontos, terão tempo de meditar.

Para tanto, impõe-se a esse movimento conservador e holístico emergente abandonar o projeto do confronto e assumir um projeto de franca superação. Nada de tentar vencer a esquerda: efetivamente superá-la. Como? Primeiramente, aprendendo a pensar de modo formal segundo essa lógica da totalidade e, depois, exigindo a implantação de um modelo de Estado projetado conforme essa mesma perspectiva, um Estado estruturado para operar uma verdadeira democracia – Estado criado intencionalmente pela população para resolver problemas específicos de interesse coletivo, com funções e limites de atuação precisamente determinados, por cuja gestão os espertos contumazes não se interessarão mais, em razão da reduzida possibilidade estrutural de desvios de recursos. A histórica luta pelo poder seria superada, ao menos nos termos patrimonialistas tradicionais.

Utopia? Talvez. Entretanto, as utopias também podem ser úteis a fim de que se saiba para onde convém ir.

Aprender a pensar o todo metodicamente constitui a oferta pedagógica da Academia Platônica de Brasília, fruto de um trabalho de pesquisa que, neste ano, completa 45 anos. A Academia oferece um programa de formação em EAD, e, na sua biblioteca, disponível no *site* https://academiadeplatao.com.br/, encontram-se a Teoria metafísica do conhecimento e a Cosmovisão metafísica que fundamentam esse olhar da totalidade.

Complementarmente, fruto do trabalho de um dos nossos alunos, encontra-se disponível para todos, no *link* https://afundacao.org.br/sites/a-fundacao/, uma tese intitulada Estado civilizador – democracia plena, que esboça uma teoria do Estado construída segundo o citado olhar da totalidade, de modo que, independentemente das crenças presentes, todo ser pensante pode habilitar-se ao novo tempo emergente.

A nova era exigirá uma elite dirigente, porque é da natureza dos mamíferos designar um macho alfa. Dirigir um povo, no entanto, requer consciência do que isso significa e, além disso, sabedoria para manter o rumo certo. Orbán, Trump e Bolsonaro, para citar os mais conhecidos, foram precursores dessa onda transformadora, possivelmente com base na intuição, sem terem consciência plena do que se tratava. Precisamos superar essa fase intuitiva, na qual apenas fica claro o que não se quer mais. Precisamos especificar o que nos convém e o que queremos, antes que os conflitos insolúveis entre esquerda e direita produzam uma catástrofe incontornável.

Brasília, outubro de 2026.